CÂMARA MUNICIPAL
- MOCOCA -
PROTOCOLO

NÚMERO	DATA	RÚBRICA
2038	02.10.17	

Câmara Municipal de Mococa

PODER LEGISLATIVO

Projeto de Resolução nº 08, de 2 de outubro de 2017.

Institui da "Semana da Consciência Negra" no âmbito da Câmara Municipal de Mococa e dá outras providências.

A Mesa da Câmara Municipal de Mococa, no uso de suas atribuições, em sessão realizada no dia ____ de _____ de 2017, faz saber que o Plenário aprovou o Projeto de Resolução nº._____/2017, de autoria dos Vereadores Carlos Henrique Lopes Faustino, Edimilson Manoel e Aparecido Donizeti Teixeira, e promulga a seguinte Resolução:

Art. 1º Fica incluída no calendário da Câmara Municipal de Mococa a "Semana da Consciência Negra", a ser realizada anualmente na semana que recair o dia 20 de novembro: Dia Nacional da Consciência Negra.

Art. 2º - A referida semana será dedicada ao desenvolvimento de ações educativas acerca da situação cultural e socioeconômica da população negra em nossa sociedade e valorização da História e cultura Afro-Brasileira.

Parágrafo Único: As ações referidas no caput deste artigo serão inspiradas nos princípios dos direitos humanos, objetivando sempre promover a cultura da igualdade racial, o respeito à diversidade religiosa e o combate ao racismo, ao preconceito e à discriminação racial.

Art. 3º - Na segunda-feira da semana referida no art. 1º desta resolução será realizada uma Sessão Solene dedicada à Consciência Negra.

§1º - A Sessão Solene será conduzida, preferencialmente, por vereador negro ou descendente de negros, escolhido na Sessão Ordinária anterior à Semana da Consciência Negra.

§2º - Será entregue uma comenda, denominada COMENDA MADALENA GARCIA DE FIGUEIREDO, ao cidadão que prestar relevantes serviços à comunidade negra de Mococa, promovendo a cultura da igualdade

racial, o respeito à diversidade religiosa e o combate ao racismo, preconceito e à discriminação racial.

§3º - A escolha do homenageado do ano será feita pela sociedade civil mediante abaixo-assinado contendo pelo menos 50 (cinquenta) assinaturas.

§4º - Na hipótese de haver mais de um abaixo-assinado, prevalecerá aquele que contiver o maior número de assinaturas.

§ 5º - A pessoa agraciada com a honraria descrita neste artigo só poderá recebê-la uma única vez.

Art. 4º. Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação.

Plenário Venerando Ribeiro da Silva, de de 2017.

CARLOS HENRIQUE LOPES FAUSTINO
Vereador

EDIMILSON MANOEL
Vereador

APARECIDO DONIZETI TEIXEIRA
Vereador

APROVADO
Em U Discussão por 15 F
Sessão 23 / 10 / 2017

Elisangela M. Maziero Breganoli
Presidente

Câmara Municipal de Mococa

PODER LEGISLATIVO

JUSTIFICATIVA

Nobres Vereadores:

A presente propositura tem o objetivo de formalizar no âmbito desta Casa Legislativa a "Semana da Consciência Negra", onde, com o apoio de nossa Escola do Legislativo, serão desenvolvidas atividades educativas voltadas a tão importante tema.

Esta propositura também cria algumas regras para a respectiva Sessão Solene, como a possibilidade da mesma ser presidida por Vereador negro/descendente de negros, conferindo legitimidade e reconhecimento, além de criar uma honraria que, de fato, atende aos anseios da comunidade, no sentido de que uma homenagem sincera não pode ser banalizada: a COMENDA MADALENA GARCIA DE FIGUEIREDO.

Conforme relatado na revista "O SONHO DE ALICE – RESGATE DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA EM MOCOCA" da escritora Neusa Terezinha Scaioni Calió, Mococa teve uma grande concentração de afrodescendentes no século XIX. Em meados do século XIX, os negros escravizados que conseguiam fugir iam para um lugar chamado Guardinha, o que entre outros fatores, pode confirmar a existência de um quilombo em Mococa. E diante desses importantes fatos, nos deparamos com a história de Madalena Garcia de Figueiredo, mulher de beleza ímpar, filha de Barão e da escrava Esperança, foi criada e educada pela esposa de um Capitão da época como sua própria filha, aprendeu muitos afazeres, entre eles: a cuidar da casa e a fazer remédios caseiros. Posteriormente Madalena herdou as terras da Guardinha de seu pai.

Infelizmente, o preconceito e a discriminação ainda persistem e devem ser combatidos.

Assim, convictos de que nossos pares partilham do entendimento de que a medida é benéfica ao interesse público, contamos com a aprovação da presente propositura.

Plenário Venerando Ribeiro da Silva, de de 2017.

CARLOS HENRIQUE LOPES FAUSTINO
Vereador

EDIMILSON MANOEL
Vereador

APARECIDO DONIZETI TEIXEIRA
Vereador

O SONHO DE ALICE

Resgate da Cultura Afro-Brasileira em Mococa



Neusa Terezinha
Scaioni Calió

Mococa, estado de São Paulo, fundada por portugueses abastados que vinham também de Minas Gerais, teve uma concentração de afrodescendentes muito grande no século XIX. Segundo os moradores locais e de acordo com o mapeamento, a maioria é de origem banto. Em Mococa, nos meados do século XIX, os negros escravizados que conseguiam fugir das fazendas locais iam para um lugar chamado Guardinha, nome também dado ao rio que corre por essas bandas. Segundo Euclides Garcia de Figueiredo, eram muitos negros que vinham também da Bahia, de Minas e chegavam descalços, sem nada.

São vários os indícios que podem con}401rmar a existência de um quilombo nesse local. Objetos como tornozeleira de ferro, corrente, pedaço de vasilha de barro e cachimbo já foram encontrados alí.

Os antigos moradores afrodescendentes, 34neto da escrava liberta Madalena Garcia de Figueiredo, protegida do capitão, também chamado Barão 35, con}401rmaram a história do quilombo contada pelos avós e completam que 34aqui se concentrou muito



Casa da escrava liberta Madalena, na Guardinha

CAPÍTULO I

O Refúgio dos Quilombos

Desde que se viu transformado em escravo, o negro encontrou na formação de quilombos uma forma de resistência e busca da liberdade. 34Kilombé uma palavra africana que quer dizer aldeamento de escravos fugidos ou um arraial, um povoado. É também, no nordeste, uma dança dramática, um bailado em que se representa uma luta entre negros e índios 35.

Os quilombos já existiam desde o início do século XVIII e os senhores de escravos financiavam várias expedições para destruí-los.

Para além da farta historiografia a respeito dos colonos europeus no Brasil, os relatos sobre a luta dos escravos pela liberdade, iniciada logo após a instalação do sistema escravista, constituem um valioso tema de estudo e reflexão.

O quilombo mais célebre foi o de Palmares, que resistiu quase 100 anos aos ataques dos portugueses e holandeses.

Mas os quilombos sempre existiram, porque era um meio de se livrar do cativeiro e alguns mantinham, com freqüência, relações comerciais, como, por exemplo, os quilombos da Baixada Fluminense, que forneciam boa parte da lenha que abastecia a Corte.

Não eram só os negros fugitivos que encontravam abrigo nos quilombos, como também os marginalizados: índios, mulatos desempregados, brancos perseguidos pela justiça, criminosos e desertores do serviço militar, entre outros.

Na segunda metade do século XIX, o escravismo estava em crise e o crescimento das cidades trazia consigo a formação de uma camada média, que via na abolição do sistema serviçal a condição necessária para que o país entrasse na era do progresso, valorizando o trabalho livre. A ideia foi crescendo e a vida nas senzalas foi se tornando insuportável. Fora dali, a vida urbana e livre que agitava os escravos e o número de agressões contra os feitores, capatazes e senhores foi aumentando.

A expansão dos meios de comunicação tornou as fugas mais fáceis e as estradas de ferro podiam levar à liberdade. Na cidade, o refúgio também era mais fácil.

Com isso, os quilombos proliferaram nas províncias do nordeste, sul e sudeste. Surgiram os quilombos: do Jabaquara (Santos, onde hoje é Cubatão, na encosta da Serra do Mar), no estado de Sergipe – Quilombo de Vila Nova, Capela e Rosário. Em Mococa, estado de São Paulo - Quilombo da Guardinha, tem muitos indícios e confirmações dos herdeiros dessas terras, mas, até hoje, sem confirmação concreta de um historiador.

CAPÍTULO 2

Memórias Registradas

Preocupada em trazer mais conteúdo para ilustrar e esclarecer a situação histórica da Guardinha, iniciei as entrevistas com familiares da escrava liberta.

De acordo com os herdeiros entrevistados, a terra da Guardinha foi dividida para todos os filhos, e cada família que pôde fez a sua casa.



Orchiza Garcia de Figueiredo (Cridão) em um baile dançante na antiga Paulicéia

A *primeira entrevista* foi com Orchiza Garcia de Figueiredo, o popular Cridão. Segundo ele, a casa da Madalena, filha de Esperança, ainda está de pé, nas terras que herdou do seu pai. Sua avó Madalena era uma mulher muito bonita que foi criada e educada pela esposa do Capitão como filha e, com ela, aprendeu a cuidar da casa, a fazer remédios caseiros e ganhou muitas joias de presente. Euclides era ainda criança e lembra o brilho do ouro quando o sol batia, doía os olhos.

Ele contou ainda que gostava de brincar na frente da casa da avó. Como não tinha brinquedo, ele inventava, amarrava um franguinho numa caixa que ia puxando até ele se cansar. Outras vezes pegava chuchu, mandioca, limão e, na sua imaginação, eles viravam bichos. É um brinquedo que vem de muitas gerações. Nascido e criado na Guardinha, Euclides sempre foi um homem disposto, trabalhador, do meio rural. Cuidou do sítio de Geninho Xavier por muito tempo e, depois, do Jardim do bairro São Domingos.

Para ele, a Guardinha era um lugar alegre e faziam festa junina que acabava em baile. As músicas que ele lembrou ter cantado foram: A cebolinha e O casório. Faziam broa, bolo, pau a pique, amendoim, pipoca e quentão. Orchiza morreu com 92 anos e deixou netos e bisnetos.

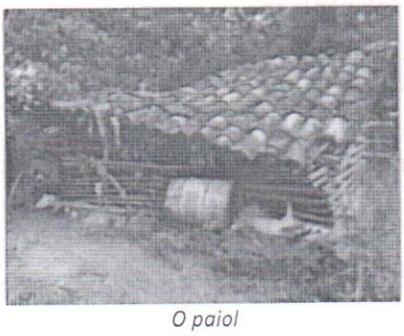


Rio Guardinha

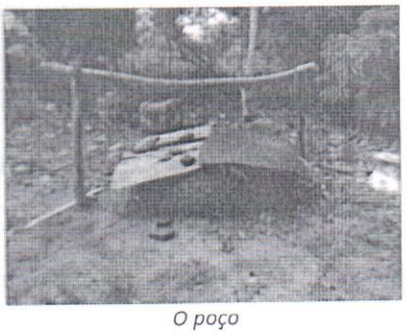
Até hoje, ano de 2015, mesmo com as marcas do tempo, a segunda casa de pau a pique com mais de 100 anos, o paiol, o poço com a velha carretilha que girava a corda para puxar o balde com água, resistem ao sol e a chuva, como se quisessem comprovar a existência do tão comentado Quilombo da Guardinha.



Casa de pau a pique



O paiol



O poço

Em 2015, Mococa completou 159 anos de idade. É uma cidade sesquicentenária e repleta de histórias pra contar, e, o homem, o morador mocoquense é o exemplo vivo da cultura local.

É muito bom conversar com os afrodescendentes ligados às histórias da Guardinha. São lembranças que foram vivenciadas por eles.

Segunda entrevista:

Em 21 de fevereiro de 2015, falei com tia Nê Sílvia Helena dos Santos Silva, que nasceu em Campinas, mas foi registrada em São Paulo e, com 8 anos de idade, em 1968, foi morar na Guardinha, na casa de sua avó Madalena. Ela contou que a avó era muito brava, mas lembra com saudade do tempo em que ela fazia doce de leite, de mamão, goiabada, arroz doce e chamava os netos para rasparem o tacho. Ajudar a fazer, ela não deixava, portanto, eles aproximavam-se só para comer. Na estação do verão, todos iam nadar no rio Guardinha.

O que eles mais plantavam era milho e mandioca. Criavam porcos e quando matavam, guardavam nas latas. À noite, passavam horas ouvindo as histórias que a avó contava. Usavam lamparina porque não tinha rede elétrica, nem ônibus como hoje, que faz a linha de Mococa a São Benedito das Areias. Encerrando essa entrevista, marquei outra com Luci.

Terceira entrevista:

No dia seguinte, conversando com Luci Rita Martins, ela me disse ser prima da tia Nê, a Sílvia, e que morou na Fazenda Contendas, onde nasceu em 1947.

Foi ali, que ainda criança, viveu dias difíceis com problema de bronquite e que a filha do fazendeiro sofria do mesmo mal.

Sua mãe fez várias simpatias, entre elas a do prego. A mãe pregava o prego na porta e enquanto ia rezando a menina passava por baixo.

Depois de muito sofrimento, o fazendeiro descobriu um remédio que mandou vir dos Estados Unidos, chamado Pirasma. Ele trouxe um para a filha e outro para Luci. As duas meninas conseguiram se curar e até hoje Luci é grata pela grande ajuda.

Com a idade de oito anos, a família de Luci foi morar na Guardinha, na casa de sua bisavó Madalena, onde foi criada pelos seus pais, Hélio Rita e Maria Aparecida Gonçalves Rita.

Depois de algum tempo na casa da bisavó, os seus tios fizeram outra casa de pau a pique mais próxima do rio Guardinha, e a prima Sílvia (tia Nê), primos, tia Helena, tio Adé vieram ali morar. Essa casa que ficava pra cá da casa da bisavó Madalena já foi derrubada.

Quarta entrevista:

Em 14 de agosto de 2013, Maria Cecília de Oliveira, com 74 anos, nascida em Mococa, residente no bairro Mocoquinha, confirmou ter morado também na Guardinha, ainda criança, na segunda casa construída acima da que foi de Madalena Garcia de Figueiredo.

Ela foi logo dizendo que a avó Madalena, filha da escrava Esperança, herdou essas terras do barãozinho.

Cecília, neta de Madalena, também lembra que lá na Guardinha plantavam mandioca, que era ralada para fazer farinha. Tudo era feito manualmente e o plantio era na lua cheia. Todo e qualquer trabalho era feito de mutirão.

Todo ano tinha a festa de São Gonçalo que terminava na dança do cateretê.

A avó tinha o costume de, durante o ano, juntar moedas e, no dia de Natal, as crianças, inclusive ela, ficavam esperando aquele momento em que a avó fazia um viva de moedas. Era só correria e gritaria para ver quem pegava mais. No Natal, a comida era a macarronada e guaraná da fábrica de bebidas Zini.

A hora do doce também era muito esperada. Tinha doce de mamão, laranja, pé de moleque, que guardavam na lata de vinte litros.

Todos tinham muita devoção em São Gonçalo, Santos Reis, São Benedito, Nossa Senhora Aparecida e Santo Onofre. Quando não chovia, todos de lá iam em fila lavar o Santo no rio Guardinha. Cada um levava um santo e iam rezando para chover. O santo Onofre ia na frente porque ele é o santo dos pinguços. A cena se repetia até Deus ouvir e mandar chuva.

Cecília contou ainda que ouviu muitas histórias dos seus pais e avós João Grizante e Benedita Grizante que diziam com tristeza que os negros apanhavam muito no meio do mato e que lá na grota da fazenda Mato Seco, se via sempre um corpo seco. Seus avós contavam muitas coisas, mas muitas verdades morreram com eles.

Quinta entrevista:

Para quem ama história e tradições, cada entrevista acrescenta um ponto no conhecimento.

Nessa quinta entrevista, segundo Dário Acássio de Brito, morador do bairro Mocoquinha e vizinho de Cecília, alguns caçadores da região afirmam que ali nessa região tem muito mistério, é um local que carrega um passado histórico triste e, ao entardecer, deixa um clima com aspecto pesado.

Dário ainda vai muito à Guardinha, e lembra muito da dona Helena, neta de Madalena e comentou com saudade - era incrível a rapidez com que dona Helena acendia o fogo do fogão a lenha com um tufo de fibra seca da bananeira no meio dos gravetos. Jogava fogo na fibra, as labaredas subiam e a madeira começava a estalar .